

DECOLONIZAÇÃO DO PENSAMENTO COMUNICACIONAL: PERSPECTIVAS, DIÁLOGOS E COLABORAÇÃO 'SUL-SUL'

DECOLONIZACIÓN DEL PENSAMIENTO COMUNICACIONAL: PERSPECTIVAS,
DIÁLOGOS Y COLABORACIÓN 'SUR-SUR'

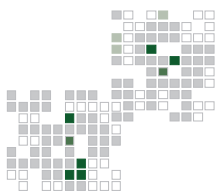
DECOLONIZATION OF COMMUNICATIONAL THOUGHT: PERSPECTIVES,
DIALOGUES AND 'SOUTH-SOUTH' COLLABORATION

Rodrigo Gabriotti

■ Professor do curso de Jornalismo do Centro Universitário Anhembi-Morumbi - Campus Sorocaba/SP. Pós-doutor em Comunicação pela Universidade Estadual Paulista (UNESP) Bauru. Doutor em Comunicação pela Universidade Metodista de São Paulo. Membro do Grupo Articulador da Rede Latino-Americana de Cátedras e Observatórios de Comunicação e Informação, Cultura e Desenvolvimento Social, ligado ao Ciespal.

■ *Profesor de la carrera de Periodismo del Centro Universitário Anhembi-Morumbi - Campus Sorocaba/SP. Posdoctor en Comunicación por la Universidade Estadual Paulista (UNESP) Bauru. Doctor en Comunicación por la Universidade Metodista de São Paulo. Miembro del Grupo Articulador de la Red Latinoamericana de Cátedras y Observatorios de Comunicación e Información, Cultura y Desarrollo Social, vinculado al Ciespal.*

■ E-mail: rgabriotti@gmail.com



Uma rica pesquisa, de postura crítica aos paradigmas dominantes e com teorização sobre realidades diversas. É a partir destes pressupostos que o brasilianista **Thomas Tufte** considera, no campo da Comunicação, as muitas escolas existentes do pensamento latino-americano.



Ele é professor titular na Universidade de Loughborough London, Reino Unido; membro da Academia Europeia e pesquisador associado sênior da Universidade de Joanesburgo, na África do Sul. Com vasta carreira acadêmica e trânsito pelo mundo todo, são essas experiências que lhe permitem considerar as relações desiguais de poder entre a Europa, os EUA e a América Latina, um movimento que, segundo ele, passou de inspiração à dominação. Assim Tufte atribui ao Norte Global, o que chama de pontos cegos epistemológicos, estabelecidos justamente pela falta de conhecimento que esses países têm sobre as pesquisas latino-americanas.

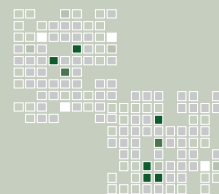
Algumas iniciativas pontuais tentaram quebrar essa distância. Entretanto nosso continente possui características limitadoras de estrutura, barreiras linguísticas e restrições financeiras, dificultando relações mais profundas com europeus e anglo-saxões. Um pouco desse desafio tentou ser reduzido pelos pesquisadores latino-americanos no desenvolvimento institucional do campo da Comunicação.

Tufte destaca, nesta entrevista, Paulo Freire. Os dois se conheceram, no Brasil, na década de 1980. O legado deixado pelo brasileiro, segundo o entrevistado, não deve ser de reflexão nostálgica, mas de uma releitura para entender a relevância de seu pensamento, aplicado aos desafios contemporâneos, como por exemplo, a Inteligência Artificial. Sobre isto, Tufte alerta para se ter cuidado e consciência a fim de que o conhecimento e os pontos de vista não se reduzam a condições pobres e uniformes.

No bojo predominante das tentativas e propostas para a decolonização do pensamento comunicacional latino-americano, **Tufte** considera que não é o continente que precisa se decolonizar, mas a própria disciplina Comunicação deve passar por tal estágio, recuperando sua tradição e **suas** epistemologias para agir no desenvolvimento crítico **frente** aos paradigmas dominantes. O pesquisador compreende a Comunicação, na atualidade, como processo social interdisciplinar que mantém comunidades, pessoas e instituições unidas. A chave para esta mudança está na aposta dele em valorizar as ações do chamado Sul-Sul, que passamos a conhecer a partir de agora.

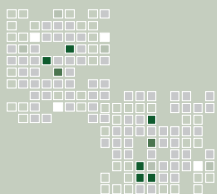
Você viveu e trabalhou na África do Sul, África Oriental, em vários lugares da América Latina e, claro, em países europeus. Atualmente, vive e trabalha em Londres, Reino Unido. Que impressões essas experiências internacionais, particularmente as latino-americanas, geraram, ao longo do tempo, sobre as teorias e metodologias da Comunicação?

Em primeiro lugar, adquiri uma humildade e um respeito pela diversidade na produção de conhecimento em geral e na pesquisa em Comunicação em particular. Eu vi isso em todo o Sul Global, mas é particularmente notável na América Latina. Também desenvolvi uma postura crítica em relação aos ‘paradigmas dominantes’ e à sua capacidade de capturar e teorizar sobre realidades tão diversas. Passei cerca de 20 anos da minha vida fora do meu país natal, a Dinamarca, tendo vivido em 10 países diferentes e aprendido a falar e trabalhar em vários idiomas, incluindo Espanhol, Português e Inglês. Isso me ensinou o quão importante é ouvir e compreender o contexto, a Cultura, os valores e os sistemas de crenças, se você pretende comunicar e ser comunicado com sucesso. Trabalhei, na América Latina, e com colegas latino-americanos, durante toda a minha vida adulta, desde que vivi 1 ano, no Brasil, em 1983/1984, e em particular, desde os meus primeiros estudos sobre movimentos sociais latino-americanos em meados e finais dos anos 80. Fiquei muito inspirado pela Teologia da Libertação, naquela época, e pela ‘Educação popular’. Eu conheci Paulo Freire pessoalmente, na Zona Leste de São Paulo, em 1987, depois de ter escrito minha tese sobre as ‘comunidades eclesiais de base’ e como elas integravam perspectivas políticas em sua prática religiosa e educacional. Com meus colegas estudantes, entrevistamos Paulo Freire, pela primeira vez, em 1987, e discutimos as primeiras ocupações urbanas que estavam acontecendo na Zona Leste de São Paulo. Eu o convidei e organizei sua primeira e única visita à Dinamarca, em setembro de 1987, onde ficou claro que ele tinha um enorme número de seguidores. Seu livro, *Pedagogia do Oprimido*, havia sido traduzido para o dinamarquês, em 1975, e reuniu um grande número de seguidores entre professores, portanto, dentro do sistema educacional estabelecido na Dinamarca. Infelizmente, ele era pouco conhecido e permaneceu muito menos conhecido entre os pesquisadores de mídia e comunicação na Europa em geral. No entanto, isso mudou nos anos mais recentes. Ao longo dos anos, aprendi sobre a amplitude e diversidade na rica pesquisa em comunicação latino-americana – desde seu enraizamento em experiências de autoritarismo até sua capacidade de celebrar a força da Cultura popular, sua forte tradição de economia política até seu contínuo, crescente e proliferante estudo de descolonização e atenção aos sistemas de conhecimento indígenas. Aprendi sobre as origens muito diferentes das escolas de pensamento latino-americanas. Não existe apenas uma, mas muitas no campo da Comunicação, embora elas se baseiem em experiências macroestruturais e legados históricos semelhantes de colonialismo, patriarcado e imperialismo.



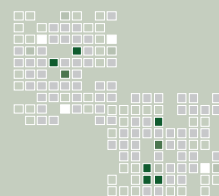
Como a Europa e os EUA percebem a pesquisa em Comunicação na América Latina?

Essa questão se conecta bem com a anterior e a resposta para sua pergunta deve ser encontrada na história do colonialismo, neocolonialismo e imperialismo. É evidente que os laços entre a América Latina e a Europa, e os EUA, respectivamente, existem há muito tempo. Eles estão bem desenvolvidos na academia em geral e na pesquisa em Comunicação em particular. No entanto, são restringidos por relações de poder muito desiguais. Com raras exceções, os acadêmicos da América Latina tiveram a possibilidade de ir para os centros acadêmicos europeus e norte-americanos ou pelo menos ler os acadêmicos do Norte Global e deixando-se inspirar, resultando muitas vezes em uma dominação bastante significativa da pesquisa europeia e norte-americana nos currículos latino-americanos e até mesmo na estruturação conceitual da pesquisa na região. Os paradigmas dominantes, originários do Norte Global, eram poderosos. Dito isso, minha clara impressão é que isso tem mudado significativamente nos últimos anos. Enquanto os latino-americanos buscavam fisicamente os centros acadêmicos do Norte Global, poucos europeus ou norte-americanos viajavam no sentido contrário. Houve exceções significativas, como o belga e recém falecido Armand Mattelart, e sua esposa, a francesa Michele Mattelart, que viajaram para o Chile, e o catalão Jesús Martín-Barbero, que viajou para a Colômbia nos anos 60 e mais tarde se tornou cidadão colombiano. No entanto, a desigualdade no diálogo acadêmico entre Europa/América do Norte e América Latina era muito grande. A flagrante falta de conhecimento e *insight* sobre a pesquisa latino-americana, nos EUA e na Europa, criou pontos cegos epistemológicos significativos no Norte Global. No entanto, ao longo dos anos, houve tentativas de superar isso. Houve uma série de iniciativas notáveis hospedadas pela Intercom, nos anos 90, e adiante, os Colóquios de Pesquisa Binacionais, com a França, Itália, Reino Unido e com a Dinamarca. Juntamente com Maria Immacolata Vassallo de Lopes, coorganizei o primeiro (e único) colóquio Brasil-Dinamarca, em 1996, em Londrina. Isto levou vários acadêmicos dinamarqueses, como Kirsten Drotner, Klaus Bruhn Jensen e Stig Hjarvard, a serem publicados em Português pela primeira vez. Infelizmente, poucos latino-americanos conseguiram, nos primeiros anos da nossa disciplina, romper o mundo anglo-saxão de publicações. A Associação Mundial de Comunicadores Cristãos, WACC, sediada em Londres, conseguiu organizar um encontro fascinante em Stirling, Escócia, em 1996, reunindo acadêmicos de Estudos Culturais da Europa e da América Latina. Entre os participantes, estavam Néstor García Canclini, Jesús Martín-Barbero, Philip Schlesinger, Jorge González, Silvio Waisbord e outros. Foi publicado mais tarde, na revista da WACC, *Media Development*. Embora tenha sido uma grande iniciativa, hospedada por Philip Schlesinger, em Stirling, foi um raro diálogo acadêmico entre colegas latino-americanos e europeus. Portanto, quando você pergunta sobre o posicionamento epistemológico a partir do qual a Europa e a América do Norte percebem os acadêmicos latino-americanos, eu diria que, com a exceção de notáveis nichos de colaborações de longa data e iniciativas e aquelas mencionadas acima, houve por muitos anos uma distância, uma falta de conexão, o que chamei de pontos cegos epistemológicos na Pesquisa de Mídia e Comunicação europeia e norte-americana quando se trata da América Latina.



Os estudos de Comunicação tiveram contribuição e colaboração significativas da UNESCO, em particular dentro da IAMCR (Associação Internacional de Pesquisa em Mídia e Comunicação). Nas décadas de 1970 e 1980, em duas ocasiões, as conferências da IAMCR foram realizadas na América Latina, o que foi considerado na época um ponto de virada social. A América Latina tem uma tradição em instituições científicas como CIESPAL, ALAIC, INTERCOM, entre outras. Diante desta fortuna crítica de pesquisadores, por que a Escola Latino-Americana de Comunicação não foi oficialmente reconhecida?

Não foi tanto uma questão de não ser ‘oficialmente reconhecida’, mas sim, o fato de que na pesquisa em Comunicação, as iniquidades globais foram reproduzidas. Na verdade, houve algumas iniciativas de construção de pontes muito interessantes no período que você menciona, os anos 70 e 80. De fato, se você olhar para os quase 70 anos de existência da IAMCR (estabelecida, em Paris, em 1957), o Congresso mundial da IAMCR foi realizado seis vezes na América Latina. O primeiro foi, em 1972, em Buenos Aires, com cerca de 50 participantes. Era pequeno, era caro viajar, e nossa disciplina ainda estava em seus primeiros anos. O foco temático da conferência da IAMCR, em Buenos Aires, foi Comunicação e Desenvolvimento. Em 1980, foi realizado em Caracas, e depois, em 1992, em Guarujá, no Brasil. Nessa altura, 20 anos após Buenos Aires, tinha se tornado uma grande conferência, com muitas centenas de participantes. Esta foi a minha primeira Conferência da IAMCR – eu era um jovem acadêmico conduzindo estudos etnográficos sobre o papel das telenovelas na vida de mulheres urbanas de baixa renda no Brasil. Isso coincidiu com os anos em que Martín-Barbero havia publicado *De los Medios a las Mediaciones*, em 1987; Canclini sobre *Culturas Híbridas*, em 1989, e os estudos sobre cultura popular, na América Latina, estavam prosperando, embora ainda mal chegassem à atenção dos acadêmicos europeus e norte-americanos. Mais tarde, em 1997, a IAMCR realizou sua conferência em Oaxaca, no México; em 2004, em Porto Alegre, no Brasil; e em 2017, a Colômbia, liderada por Amparo Cadavid, sediou uma enorme Conferência da IAMCR em Cartagena. Foi um enorme sucesso e a pesquisa latino-americana teve uma presença muito forte em todos os painéis e nas sessões e grupos de trabalho. Historicamente, vimos uma forte colaboração entre a IAMCR e a UNESCO. Esta foi particularmente próxima nos anos 70 e 80, mas remonta à criação do CIESPAL, no Equador, em 1959. A Comissão MacBride, no final dos anos 70, teve vários membros latino-americanos (Gabriel Garcia Márquez e Juan Somavia). O apoio da UNESCO à pesquisa de Mídia e Comunicação, na América Latina, nos primeiros anos, foi muito importante. Assim, o que você chama de ‘falta de reconhecimento’ da ‘Escola Latino-Americana de Comunicação’ foi mais um acúmulo de iniquidades estruturais, pontos cegos epistemológicos, barreiras linguísticas, restrições financeiras e uma série de outras barreiras e limitações semelhantes que, apesar dos esforços acima, dificultaram o desenvolvimento de relações mais profundas. Permita-me também mencionar a experiência de colaboração que tive com meu amigo e colega boliviano, Alfonso Gumucio Dagron, no mapeamento de mais de 50 anos de história e desenvolvimento do campo da comunicação para a mudança social, desde as primeiras experiências das Rádios Mineiras, na Bolívia, no final dos anos 40 até o início dos anos 2000. Foi um estudo global onde fizemos uma chamada global para coletar tudo o que havia sido publicado no espaço de Comunicação, Desenvolvimento e Mudança Social, um campo muito alinhado com a América Latina. Recebemos mais de 1500 sugestões e selecionamos cerca de 200 excertos e artigos, publicados em um livro enorme (1.400 páginas na edição espanhola de 2008)¹. O mais notável foi que 40% dessas contribuições eram latino-americanas. Em outras palavras, no espaço onde a Comunicação trata da conexão com os desafios sociais e



¹ Gumucio-Dagron, A., & Tufte, T. (Eds.). (2008). *Antología de la comunicación para el cambio social: Lecturas históricas y contemporáneas*. Consorcio de Comunicación para el Cambio Social.

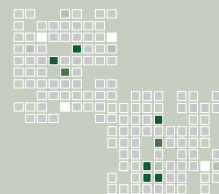
políticos, aproveitando a Comunicação Alternativa e muitas das variações desse espaço, a pesquisa latino-americana dominava o mundo. Nosso livro foi um grande esforço para mostrar isso ao mundo, e muitas das peças que trouxemos foram publicadas em Inglês pela primeira vez. Então, neste caso, muitas ideias latino-americanas da pesquisa e prática de Comunicação no mundo real viajaram, e viajaram longe. Mas, dito isso, o cânone acadêmico e os paradigmas dominantes continuaram a ser enquadrados, a partir da pesquisa ocidental, apesar de a América Latina ter experimentado um enorme crescimento no campo a partir dos anos 90 em diante. Embora a marginalização da Escola de Pensamento Latino-Americano, na Pesquisa de Mídia e Comunicação, estivesse imersa nos legados acadêmicos e históricos maiores de colonização e iniquidades institucionais, os acadêmicos de Mídia e Comunicação latino-americanos fizeram um enorme esforço para desenvolver o campo institucionalmente. Quando menciono aos acadêmicos nórdicos que a Intercom consegue reunir milhares de acadêmicos e estudantes em seus eventos anuais, além de seus eventos regionais, eles mal acreditam. A América Latina conseguiu, apesar das restrições financeiras, desenvolver um cenário de Mídia e Comunicação muito impressionante e a construção de pontes com a Europa e a América do Norte continuou. A jovem geração de acadêmicos latino-americanos, sendo muito melhor em Inglês do que suas gerações anteriores, facilitou muito este diálogo.

Em relação a novas tentativas, em 2020, foi criada a Rede Latino-Americana de Cátedras e Observatórios de Comunicação e Informação, Cultura e Desenvolvimento Social. Dela surgiu a Carta Cidadã AL-21² – Comunicação para a Liberdade, Democracia, Cidadania e Bem-Estar – que reconhece a Comunicação como um direito humano em 24 princípios. Você defende práticas emancipatórias, bem como processos coletivos de pesquisa e produção de conhecimento. O que essa Rede pode representar em termos de inovação e emancipação para os estudos de Comunicação na América Latina?

Eu li a Carta Cidadã e vi as muitas ‘Cátedras’ e Observatórios que a apoiam. Esta é uma ótima iniciativa, reforça as tradições latino-americanas de posturas críticas, reivindicando a Comunicação como um direito humano e enraizando a pesquisa e a prática do campo na realidade da vida e defendendo posturas críticas na Pesquisa e na Educação. Eu recomendo muito esta iniciativa.

Historicamente, a América Latina foi colonizada pelos portugueses, espanhóis e americanos. A crescente proposta do pensamento decolonial teve, há muitos anos, a contribuição inicial do peruano Aníbal Quijano. Que contribuição a Comunicação tem para descolonizar a América Latina?

Francamente, eu mudaria ligeiramente o foco desta questão. Em vez de refletir sobre a contribuição da Comunicação na descolonização da América Latina, acho particularmente interessante discutir e avançar nosso trabalho sobre como a disciplina da Comunicação deve se descolonizar. Ela deve desaprender e reaprender, um processo que se trata de recuperar a própria tradição e epistemologias, e desenvolver críticas aos paradigmas dominantes. Muito está acontecendo no espaço de decolonização da Pesquisa em Comunicação nestes anos. A pesquisa latino-americana está liderando o caminho. No entanto, também há muito acontecendo, na África do Sul, e vemos algumas dinâmicas e influências Sul-Sul interessantes evoluindo. Walter Mignolo, colaborando com Sabelo Ndlovu-Gatshini e falando na África do Sul; Katherine Walsh dando palestras recentemente, na Índia, e há muitos outros exemplos emergentes que indicam fortes orientações para outras epistemologias do Sul Global. Vejo fortes perspectivas futuras para a disciplina da Comunicação nestes diálogos e colaborações Sul-Sul.



² Recuperado de: <https://www.amidi.org/carta-ciudadana-al21/>. Acesso em: 9 jan. 2026.

A Comunicação Popular, Alternativa e Comunitária é um alinhamento decolonial. Sua dimensão epistemológica de humanismo, transformação, autonomia e dialogismo pode trazer outro significado às Teorias e Metodologias da Comunicação?

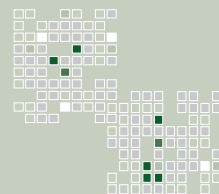
Definitivamente. É a isso que me refiro acima. Na América Latina, há uma abundância de acadêmicos muito interessantes, muitos dos quais fazem parte da Antologia da Comunicação para a Mudança Social que Alfonso e eu editamos. Enquanto os pioneiros, dos quais reunimos muitos na Antologia mencionada, abriram o caminho e apresentaram importantes perspectivas decoloniais, estamos atualmente vendo uma ampla nova geração de pesquisa decolonial surgindo na América Latina.

Falando em dialogismo, Paulo Freire é pouco abordado nos estudos de Comunicação no Brasil, onde, como você mencionou anteriormente, você esteve pessoalmente com ele. É possível considerar Freire um teórico da Comunicação? Deveria ser mais estudado pela Área?

Você está certo. Freire tem sido, antes de tudo, conhecido na Educação, Educação popular na América Latina e em muitas experiências de base no Sul Global, mas ele também tem sido conhecido por inspirar sistemas educacionais formais, como o exemplo que mencionei anteriormente da Dinamarca. No entanto, o centenário, em 2021, do nascimento de Freire, despertou um ressurgimento do interesse por ele também dentro da Pesquisa em Comunicação. Na Universidade de Loughborough, realizamos duas semanas de celebrações, em 2021, em sua homenagem, e refletindo sobre a relevância de seus pensamentos dentro da Comunicação na era digital. É importante não permanecer em uma reflexão nostálgica sobre Freire, mas desconstruir ativamente e criticamente como seus pensamentos têm relevância hoje. Nosso evento, em 2021, atraiu um grande público global e sei que muitos eventos de Freire em torno de seu centenário aconteceram em toda a América Latina e muito também dentro das Escolas de Comunicação. Freire é definitivamente um pai fundador, uma inspiração chave para a Teoria Crítica da Comunicação, na América Latina, e ele deve permanecer central em nossos currículos. Nestes anos, sua influência está se espalhando ainda mais, por exemplo, para os estudos de Design e para a compreensão das dinâmicas de mudança, mas é importante abordar Freire por meio dos desafios do nosso tempo, ou seja, pelos olhos contemporâneos.

David Berlo, um dos primeiros críticos dos paradigmas da Comunicação em países desenvolvidos, entende a prática desse processo como símbolos usados por pessoas que transmitem um significado. Se tentarmos ler isso hoje, quais são os símbolos da Comunicação atualmente?

Berlo é outro acadêmico da Comunicação norte-americana. Ele era mais conhecido por seu modelo de Comunicação SMCR (fonte, mensagem, canal, receptor), um modelo desenvolvido em 1960, ou seja, há 66 anos. Naquele mesmo ano, Habermas publicou sua Teoria da Esfera Pública em alemão. Só foi traduzido para o Inglês, 30 anos depois, em 1989, e foi discutido na academia norte-americana nos anos 90, 30 anos depois que os europeus o leram. Outro contemporâneo de Berlo, Antonio Pasquali foi igualmente publicado no início da década de 60, mas seu *opus magnum* na Teoria da Comunicação nunca foi traduzido para o Inglês, então, suas ideias nunca influenciaram a academia no Norte Global, enquanto ele se tornou um pioneiro da pesquisa em Comunicação latino-americana. Embora Berlo tenha adicionado corretamente algumas camadas de complexidade à compreensão linear e muito instrumental da Comunicação de Laswell, ele não rompeu fundamentalmente nem com a instrumentalidade nem com a linearidade desses modelos. Se eu fosse sugerir como entender a Comunicação hoje, seria abordá-la como o processo social que mantém comunidades, pessoas e instituições unidas. Se esta qualidade de vida, Comunicação Social,



não estiver lá, ou se a Comunicação - como processo social e como o kit que mantém a sociedade unida - não estiver em um bom estado, então essas comunidades, pessoas ou instituições podem se desintegrar, podem se dissolver e desmoronar. A Comunicação não é um processo linear, está muito longe disso. Muitas das comunidades indígenas e seus sistemas de conhecimento que estão sendo redescobertos nestes anos e ganhando visibilidade e importância entendem isso, daí o seu valor.

Fenômenos e modismos emergentes despertam interesse imediato de investigação. Isso compromete de alguma forma o conhecimento científico e outras possíveis perspectivas teórico-metodológicas? Como os pesquisadores podem abordar questões que contribuam para uma perspectiva holística da Comunicação como processo, história e Área de conhecimento?

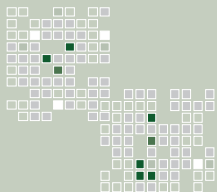
A Comunicação é uma disciplina jovem no mundo das Ciências, construída sobre os ombros de um amplo conjunto de Ciências, principalmente Sociais, mas uma disciplina que é cada vez mais ela mesma, com sua capacidade de compreender os processos de comunicação e seu papel no desenvolvimento mundial. Penso que, para manter sua relevância, a Comunicação como disciplina e campo de pesquisa deve insistir e continuar a fortalecer sua forte base interdisciplinar e sua perspectiva crítica. Um dos grandes desafios hoje é manter um olhar e uma perspectiva críticos sobre nosso desenvolvimento tecnológico, insistindo na perspectiva holística e, portanto, no contexto mais amplo em que esses desenvolvimentos ocorrem.

Na pesquisa “FAPESP e Ciência da Comunicação: legitimação, contribuição e construção da Área” (2018), que analisou o financiamento de Bolsas no Exterior, poucos pesquisadores escolhem a América Latina. Apenas Argentina e Chile aparecem. Por que o fluxo interno latino-americano não desperta interesse entre seus pesquisadores?

A capacidade de atrair acadêmicos de todo o mundo para alguns dos centros históricos da academia, muitos localizados no Norte Global, continua, e, como tal, continua sendo uma extensão da desigualdade acadêmica. No entanto, dito isto, ao conversar com jovens acadêmicos latino-americanos, tenho a sensação de que a orientação deles está mudando. As relações Sul-Sul estão se desenvolvendo nestes anos, tanto dentro da América Latina quanto mais amplamente em todo o Sul Global e isso é muito encorajador e promissor para o futuro.

Vivemos na era da Inteligência Artificial, dos algoritmos e da plataformização em vários sentidos. Que desafios a IA representa para o campo da Pesquisa em Comunicação e para as Ciências Sociais de forma mais ampla?

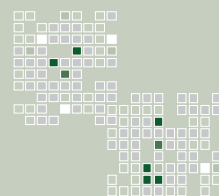
Esta é uma pergunta realmente importante e oportuna, visto que a tecnologia está se desenvolvendo muito rápido e precisamos entender quais oportunidades e desafios ela está representando para a academia. Embora possa ajudar a tornar os processos de trabalho mais rápidos e fáceis, a lógica da IA também traz alguns riscos significativos para a produção global de conhecimento. O maior risco de todos é a potencial marginalização e possível extinção de certas esferas de conhecimento. Epistemicídios podem muito bem ocorrer. A capacidade da IA Generativa de servir à sociedade é construída sobre conjuntos de dados muito grandes, ou seja, sobre o enorme arquivo de conjuntos de dados de texto, de onde novos *insights* são extraídos. Este arquivo permanece um arquivo muito anglo-saxão e centrado no Norte Global, um *pool* de conhecimento onde muitas fontes não-inglesas, ou fontes de línguas menores e culturas orais permanecem



excluídas. Elas permanecem fora do arquivo de conhecimento em que a IA se baseia. Isso reproduz as desigualdades existentes na produção e circulação de conhecimento. A perda de conhecimento que a IA corre o risco de perpetuar é muito semelhante à redução da biodiversidade que o mundo está enfrentando através do nosso tratamento insustentável da natureza. Com a IA, corremos o risco de empurrar o mundo para uma redução significativa na diversidade de conhecimento, na redução dos pontos de vista e opiniões, tornando o mundo mais pobre e mais uniforme em termos de saber. Um exemplo simples do risco de invisibilidade do conhecimento através das oportunidades atuais da IA Generativa vem da minha colaboração com colegas da Universidade de Colima, no México. Na preparação para um novo projeto de pesquisa, conduzimos uma grande revisão de literatura. No processo, identificamos vários vieses epistêmicos graves, tanto no acesso a bases de dados, na inclusão desigual de publicações em Espanhol, em algumas das bases de dados dominantes, quanto em múltiplos outros aspectos que reforçavam as iniquidades na geração de conhecimento (Zermeno-Flores *et al*, 2024). Portanto, à medida que abraçamos cada vez mais a IA para nos auxiliar em nosso trabalho acadêmico, devemos ser muito cuidadosos e conscientes sobre como podemos combater os riscos que descrevi.

Sobre o que é sua pesquisa atual e como ela tem relevância para a América Latina?

Estou nas fases iniciais de um novo e empolgante projeto de pesquisa que tem muita conexão com a América Latina. Em 2025, obtive sucesso na obtenção de um ‘*Advanced Grant*’ do Conselho Europeu de Pesquisa, um subsídio que financiará um projeto de pesquisa de 5 anos (2026-2031). Meu projeto é intitulado REACT – *Reimagining Activism, Communication and Trajectories of Participation* (Reimaginando o Ativismo, a Comunicação e as Trajetórias de Participação) e se concentra no ativismo entre jovens em grandes cidades. Ao descobrir as práticas cotidianas de ativismo dos indivíduos, o REACT visa gerar *insights* sobre a formação de subjetividades em contextos urbanos, práticas de Comunicação na vida cotidiana e explorar percepções e formas de ativismo. O REACT conectará esperança com cidadania e ação individual com ação coletiva. Estes elementos estão profundamente interligados, razão pela qual o REACT se baseará em um referencial conceitual muito interdisciplinar. Embora inserido na Comunicação para a Mudança Social, ele se baseia em Estudos Culturais, Estudos Urbanos, Pedagogia Crítica e Estudos Críticos de Desenvolvimento. Minha ambição com o REACT é tanto teórica quanto geográfica e epistemológica. Espero que, ao conduzir um estudo com jovens em todo o Sul Global geográfico, o REACT possa corrigir a injustiça cognitiva observada no desequilíbrio da produção de conhecimento sobre juventude, Comunicação e Mudança Social proveniente do Sul Global. As colaborações latino-americanas estão no cerne do REACT. Estarei trabalhando com universidades e acadêmicos na Colômbia (Eliana Herrera, Universidad de la Sabana), no México (Ana Zermeno, Universidad de Colima) e no Brasil (Raquel Paiva, Universidade Federal do Rio de Janeiro), além da Índia (Vinod Pavarala, Mahindra University) e da África do Sul (Lauren Dyll, University of Kwa-Zulu Natal). Também tenho dois conselhos consultivos, um será composto por representantes da juventude, enquanto o outro é composto por colegas seniores, incluindo Cicília Peruzzo, do Brasil; Rossana Reguillo, do México; e German Muñoz, da Colômbia. Estou muito ansioso por estes próximos 5 anos de colaboração com colegas na América Latina, bem como na África do Sul e na Índia. Vivemos em um tempo de incerteza endêmica e aceleração da exclusão socioeconômica onde o colapso da ideologia extrativista do modelo neoliberal de desenvolvimento levou à necessidade de outras visões de mundo. Os jovens no Sul Global são particularmente afetados pelas consequências socioeconômicas que impactam sua capacidade de controlar seus meios de subsistência. Vemos isso no



alto desemprego, nas desigualdades de gênero e no mercado de trabalho e também no declínio dos padrões de vida, apesar do crescimento econômico geral. As aspirações dos jovens para o futuro e seu engajamento na sociedade são o que desejamos entender melhor com o REACT. O papel da Comunicação na busca de seus objetivos é central para estas análises. Embora eu não seja latino-americano, sinto-me muito inspirado pelos acadêmicos da região. Trabalharemos com os desafios sociais contemporâneos e o papel da Comunicação na superação destes. Em muitos aspectos, vejo o REACT não apenas como altamente inspirador, mas também como uma extensão das orgulhosas tradições de pesquisa latino-americanas, de pesquisa socialmente engajada.

Referências

- Ana I Zermeno-Flores, Thomas Tufte & Mabel A Navarrete-Vega (2024). Knowledge production and epistemic injustices. The use of digital technologies and artificial intelligence. DOI: <https://doi.org/10.7146/mk.v40i76.143529>
- Freire, P. (2011). *Pedagogia do oprimido* (50a ed.). Paz e Terra.
- Gabrioti, R. (2018). *A FAPESP e a ciência da comunicação: legitimação, contribuição e construção da área* [Tese de Doutorado, Universidade Metodista de São Paulo]. Repositório Institucional UMESP.
- García Canclini, N. (1998). *Culturas híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade* (H. P. Cintrão & A. R. Lessa, Trans.). EDUSP.
- Gumucio-Dagron, A., & Tufte, T. (Orgs.). (2008). *Antología de comunicación para el cambio social: Lecturas históricas y contemporáneas*. Plural Editores.
- Gumucio-Dagron, A., & Tufte, T. (Orgs.). (2006). *Communication for social change anthology: Historical and contemporary readings*. Communication for Social Change Consortium.
- Habermas, J. (1989). *The structural transformation of the public sphere: An inquiry into a category of bourgeois society* (T. Burger & F. Lawrence, Trans.). Polity Press.
- Martín-Barbero, J. (1987). *De los medios a las mediaciones: Comunicación, cultura y hegemonía*. Gustavo Gili.
- Media and culture in Latin America. (1997). *Media Development*, 44(1).
- Pasquali, A. (1963). *Comunicación y cultura de masas*. Universidad Central de Venezuela.
- Peruzzo, C. M. K. (2022). *Pedagogia da comunicação popular e comunitária nos movimentos sociais*. Sulina.
- Tufte, T. (2017). *Communication and social change: A citizen perspective*. Polity Press.
- Tufte, T. (2024a). Emancipatory communication: A critical reflection on communication sciences in the post-pandemic era. *Critical Arts: South-North Cultural and Media Studies*, 38(6), 1–13.
- Tufte, T. (2000). *Living with the Rubbish Queen: Telenovelas, culture and modernity in Brazil*. Luton Press.
- Tufte, T. (2024b). Unlearning and relearning: Decolonizing communication and social change. *Journal of Communication*, 74(2), 169–180.

